

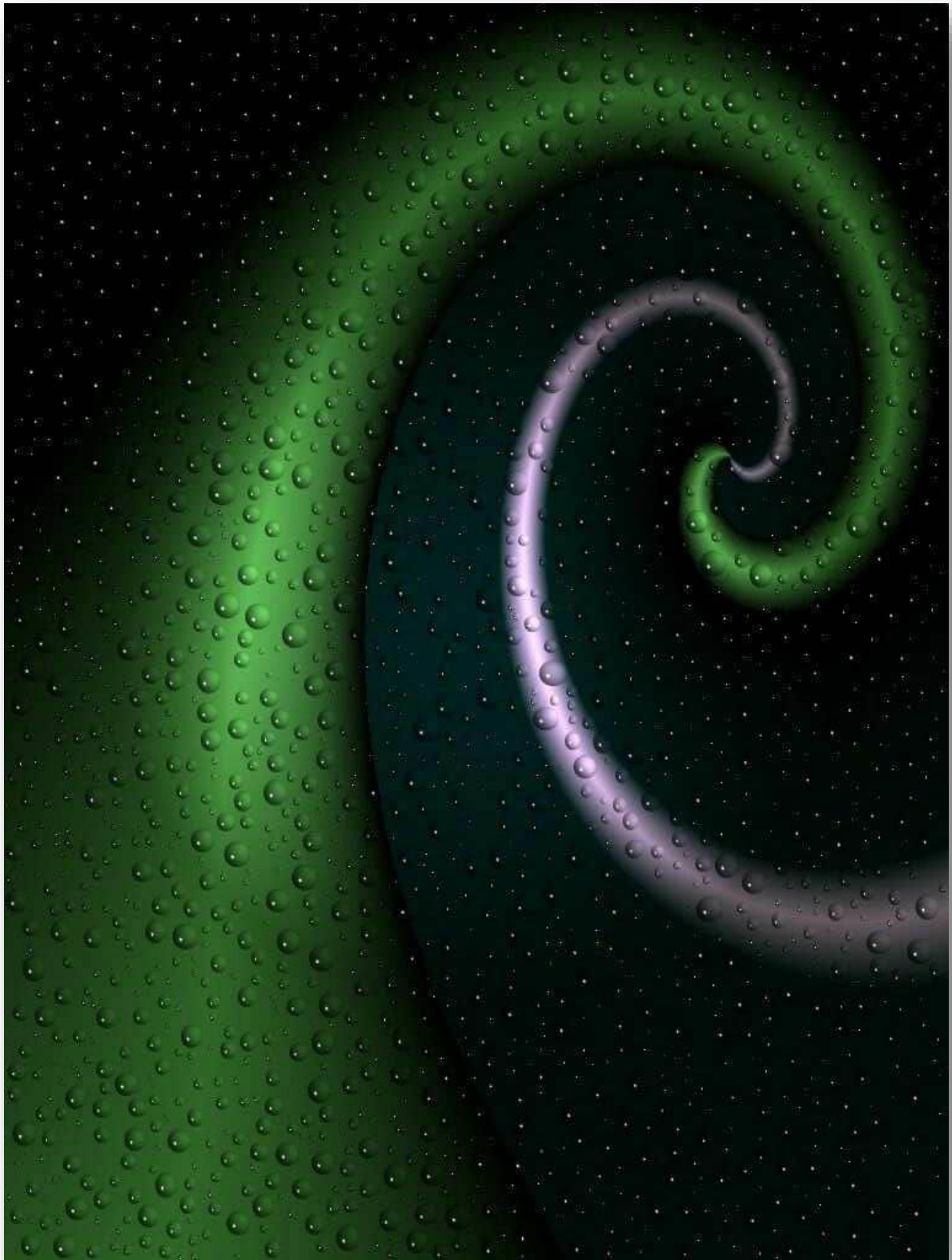
RAMÓN PASQUAL MUÑOZ SOLER

SIGNOS DE FUTURO

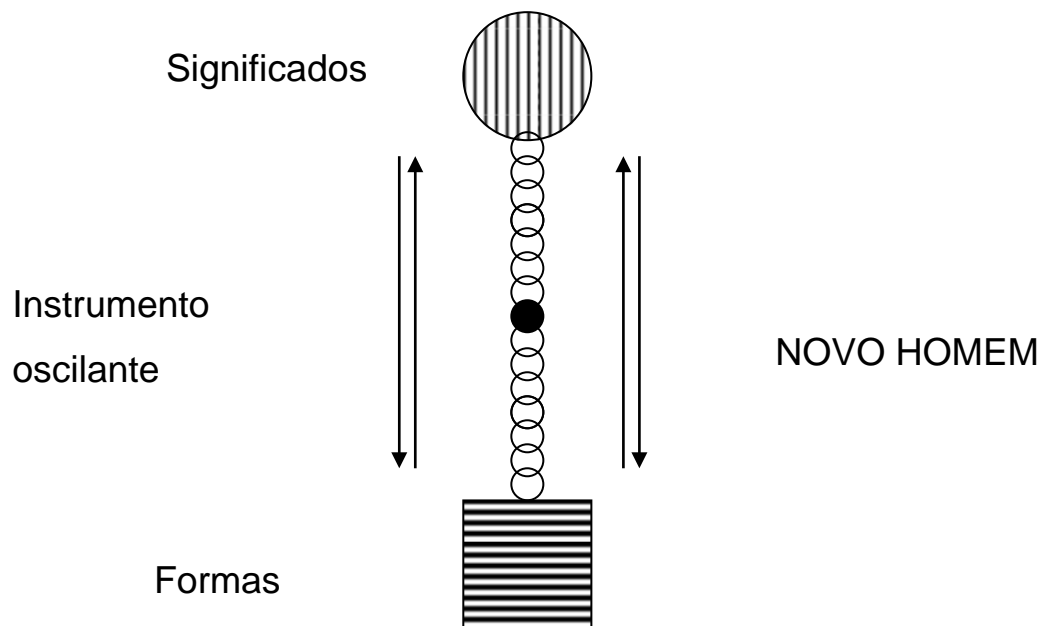
Curso de Introdução à Temática de Futuro

*Conferências ditadas nos dias 7 e 14 de abril de 1976
no salão auditório do
Centro de Investigação sobre Temas e Modelos de Futuro*

Traduzido por Edelweiss Blanes Martinez



Signos de Futuro



I FILOSOFIA DO FUTURO

1. RESPONSABILIDADE INDIVIDUAL FRENTE AO FUTURO

Tese:

O homem moderno se vê enfrentado com a necessidade de assumir o futuro como alternativa existencial.

- Faz já alguns anos, Bertrand de Jouvenal, o pai da futurologia, anunciava que “a dimensão do porvir estava entrando realmente no pensamento”.
- Mas, hoje podemos dizer que o futuro não só penetra no pensamento, mas na **vida** de todos nós. E assim, quando Alvin Toffler fala do “choque do futuro” o entende como uma “colisão com o futuro”: “a aceleração da mudança” – diz – “é

como uma força elemental que invade nossas vidas e comove as bases de nossos valores e de nossas instituições”.

O que queremos dizer com estas citações é que passamos rapidamente da etapa **profética** (o anúncio de uma Mensagem do Futuro), à etapa das **realidades** concretas.

No início do século, os signos do futuro eram só perceptíveis para a fina sensibilidade dos profetas da era moderna (e entendo por profetas os místicos e os sábios). Porém, hoje em dia, o futuro golpeia a sensibilidade do homem comum e comove as bases de seu sistema de pensamento.

No brevíssimo tempo transcorrido entre o **anúncio** da irrupção de uma nova realidade no mundo moderno, e o **impacto** dessa realidade no homem, mudaram os parâmetros da responsabilidade humana frente ao fenômeno de futuro. Se no momento do anúncio parecia lógico fazer um chamado à responsabilidade da “*intelligentsia*” porque se supunha que eram os homens mais capazes os que, de alguma forma, poderiam antecipar-se às consequências do que viria, na etapa do impacto a responsabilidade é de todos, porque as consequências da mudança afetam todos. Assumir ou não o futuro já não é hoje uma alternativa histórica ou cultural, mas uma alternativa existencial, porque nela já não se põe em jogo a cultura, mas a vida de cada um de nós.

Em 1902, H.G. Wells, o autor de “*A guerra dos mundos*” e de “*O homem invisível*”, fez um chamado aos estudiosos das ciências sociais para dizer-lhes que deviam centrar sua reflexão já não sobre o passado, mas sobre o porvir. Mas, não o escutaram. Desde então, sucederam-se duas guerras mundiais, produziu-se a revolução científica e tecnológica, e explodiu a revolução social no mundo: mudanças extraordinárias que mudaram a fisionomia da velha sociedade, mas que, ao mesmo tempo, nos colocaram no limite da destruição planetária e a um passo da desumanização do homem.

Hoje em dia, frente à alternativa de um futuro que nos ameaça, os estudiosos mais conspícuos do fenômeno de mudança já não fazem um chamado a uma elite esclarecida, senão que apelam à consciência do homem comum, e reclamam o exercício de sua responsabilidade individual. Georg Picht, o autor de “*À borda do abismo*”, diz que a futura história da humanidade não pode ser delegada a nenhum grupo de *experts*.

Nossa civilização chegou a um ponto crítico, e neste solene momento histórico que vivemos, junto aos velhos sinais do passado, aparecem novos *signos* no horizonte do porvir.

A finalidade deste breve curso é explorar estes signos e tomá-los como ponto de referência para orientar-nos no mundo recém aberto.

2. MUDANÇA DE SIGNOS

Tese:

Os signos que guiam os homens de hoje já não são os mesmos signos do mundo de ontem.

“Caíram as estrelas” do velho signo, só ficam suas imagens do passado. É como se, de repente, nos encontrássemos em um mundo sem sinais de referência. Os velhos sinais já não nos servem para orientar-nos, e ainda não aprendemos a descobrir os novos signos.

Mudaram, a carta celeste, a carta social e a carta humanográfica. Necessitamos de uma cartografia de signos do futuro, um mapa dos sinais e caminhos novos, uma carta de navegação para orientar-nos no mundo novo.

As teorias filosóficas, sociais, políticas, históricas e antropológicas que nos serviam de base para a interpretação do homem e do mundo de ontem, já não nos

servem para interpretar o mundo moderno. Existem outros signos no horizonte do porvir, outras estrelas, outros homens, outra sociedade.

Em resumo, enfrentamo-nos com outra realidade. E essa outra realidade reclama um novo instrumento metodológico para sua interpretação.

Nossa tese acerca do futuro não é postulada sobre a base de um futuro ideal, mas de um futuro real. Não sobre um futuro possível (um “futurível”, segundo a terminologia de Bertrand de Jouvenel), mas sobre um futuro que já existe.

Em outras palavras, não se trata de “construir” um modelo de futuro (já seja um modelo lógico, ideológico ou tecnológico), mas de “descobrir” os *germes de futuro* que já existem, que constituem signos vivos no homem de hoje e sinais para o mundo de amanhã.

Esboçaremos então:

Uma TEORIA DE SIGNOS (Semiologia do futuro)

Uma TEORIA DO MÉTODO (Metodologia do futuro).

3. TEORIA DE SIGNOS

Tese:

O futuro não revela seu significado por um só signo nem por um conjunto de signos estáticos, mas por uma configuração de signos reversíveis.

Isto implica o fracasso de toda “dogmática” que pretenda determinar o futuro através de signos fixos, e o fracasso de toda “dialética” que queira reduzi-lo a uma contradição de signos em movimento - e obriga a postular uma teoria de signos reversíveis (não de contradição de signos, mas de reversão de signos).

O que são estes signos?

Estes signos de que falamos são os caracteres, as letras com que está escrita a mensagem do futuro. Uma teoria de signos do futuro, portanto, é uma teoria da linguagem do futuro, de uma nova linguagem que temos que aprender. Esta linguagem é de articulação e de não articulação, ao mesmo tempo (uma linguagem reversível). Temos que aprender a decifrar essa linguagem com ajuda de uma *semântica de ultra significados*, e a pronunciá-la com ajuda de uma *fonética de egoência* (duas ciências novas).

Estes elementos semânticos e fonéticos - de carga de sentido e de carga energética - são tão ou mais importantes que os elementos lógicos ou tecnológicos com que são construídos os modelos. Daí que nós, como passo prévio a toda “construção” futuroológica (já seja filosófica, científica ou tecnológica) postulemos uma teoria de signos do futuro.

A tese de que partimos é de que estes signos configuram uma MENSAGEM nova, inédita. E que esta mensagem tem seu próprio código, seu próprio significado (e, certamente, sua própria lei, sua própria força e sua própria forma).

A interpretação desse código desafia o homem moderno. Hoje em dia já não se trata de decifrar as “lembranças do futuro”, mas os signos vivos do futuro que estão impressos no homem de hoje e no mundo de hoje. E dizemos desafio porque para essa interpretação já não são suficientes as construções sistemáticas do pensamento, senão que se requer um novo instrumento humano de exploração. Em outras palavras, o desafio da mensagem do futuro não é um desafio filosófico, científico ou técnico, mas um desafio *antropológico*, porque se bem seja certo que a mensagem se aproxima do homem, o homem também deve aproximar-se da Mensagem.

Quais são os signos do futuro?

Conseguimos dividir três, que nos parecem os mais importantes:

O signo da revelação.

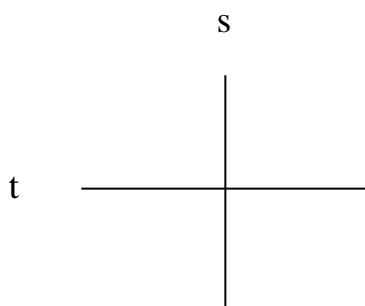
O signo da destruição.

O signo da egoência.

a. O signo da revelação

É o signo profético da ERA moderna. Uma Presença Invisível.

Olho! Estamos dizendo *revelação*, e não simplesmente mudança. A mudança está dentro da história, a revelação penetra na história. A história é escrita em uma coordenada horizontal de tempo, enquanto que a revelação se inscreve em uma coordenada vertical de significados



A coordenada de tempo e a coordenada de significados são as duas linhas fundamentais que nos permitirão localizar os signos do futuro e ir traçando aquela cartografia à qual fazíamos referência.

A revelação introduz um novo significado no mundo, na vida e na história (não só uma mudança formal, mas uma mudança substancial).

O signo da revelação é essencialmente oculto e transcendente - uma Presença invisível - mas é o fundamento de todo significado e de toda atividade do espírito.

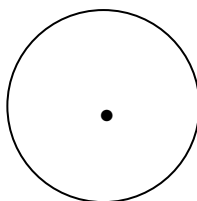
E por que dizemos que a era moderna está sob o signo da revelação? Porque um novo significado fez irrupção no mundo e no homem. Um novo ideal de vida se instalou silenciosamente nas antigas formas, gerando uma mudança substancial.

A Presença da revelação na história afeta *todas* as formas e, portanto, tem caráter universal. A partir do momento em que a revelação ingressa na história, muda o eixo do tempo histórico e se inicia uma nova ERA. E este é o momento transcendente que estamos vivendo, somos testemunhas de uma mudança de era.

Os filósofos modernos, os sociólogos, os antropólogos, todos eles se deram conta de que a mudança é o signo que caracteriza a era moderna (sobretudo a mudança rápida). Mas, muito poucos se perguntaram acerca da natureza desta mudança.

A revelação é um signo de *gênese*. Está na origem do fenômeno do futuro.

Não é um signo entre outros signos, mas a trama fundamental invisível (substancial) onde se revelam todos os fenômenos do futuro. É sobre essa trama invisível onde se fazem visíveis (se revelam) os novos significados. Se tivéssemos que representar de alguma forma este signo (ainda que não seja representável), faríamos isso com uma circunferência para simbolizar a equidistância de todos os fenômenos, com respeito a um centro substancial.



A revelação é um signo de *vida*. Não é só uma ideia, uma enteléquia ou um modelo metafísico, mas um novo *elemento vivo* (germe de futuro) que, tomando contato com a vida, gera os protomodelos do futuro, as matrizes invisíveis das novas formas.

Este signo da revelação passa inadvertido. É uma Presença invisível. Foi percebido pelos profetas, antes que pelos doutores.

A maioria dos enfoques atuais do futuro não o têm em conta. Coloca-se ênfase nas mudanças sociais, políticas, econômicas, tecnológicas. Mas escapa a todos eles a substância da mudança, caindo em reducionismos futuroológicos.

b. O signo da destruição

É o signo do MUNDO moderno.

É signo *dramático* de destruição de formas. Signo de crise.

Se o primeiro signo era signo de revelação, este segundo signo é de *destruição*. Pouco compreendido. Mas, é o signo que acompanha inevitavelmente o primeiro (sua sombra contraditória), já que a penetração das formas por um novo significado não se realiza sem consequências. Revelação implica criação e destruição ao mesmo tempo. Quando irrompe um novo significado, as velhas formas desmoronam. Este desmoronamento dramático das antigas formas é signo do mundo em que vivemos. O estudo profundo deste signo requer estabelecer uma diferença entre “formas de destruição” e “destruição das formas”.

É signo *energético*

A ruptura de formas se faz acompanhar de uma liberação de energia. Fissão do átomo e fissão da matéria humana.

O primeiro signo mudou o nível de significado no mundo (mudança de consciência).

O segundo signo mudou o nível energético do mundo (não só o nível de energia física, mas também de energia humana).

É signo de um novo equilíbrio do poder

É ruptura das grandes organizações em massa. Surge um novo equilíbrio entre a consciência individual e o poder coletivo organizado.

c. O signo da egoência

É o signo do novo homem. Signo antropológico.

A tensão entre o significado e a forma se resolve dentro do homem novo em uma síntese harmônica entre o espírito e a matéria.

O signo da revelação fala do transcendente, do divino.

O signo da destruição se refere ao mundo em que vivemos.

O signo da egoência se manifesta como um ponto infinitesimal no coração do homem, onde se conjugam harmonicamente os valores divinos e humanos. Apesar de sua pequenez e aparente insignificância, este ponto de estabilidade interior constitui o fundamento da comunidade social do futuro.

4. TEORIA DO MÉTODO

O DRAMA EXISTENCIAL DO HOMEM MODERNO

Tese:

O homem de hoje se encontra no olho da tempestade. Poderosas forças, telúricas e cósmicas, geraram uma corrente de futuro que, arrancando-o de sua antiga morada, levam-no por rumo desconhecido. O drama existencial do homem moderno é sofrer esta comoção sem entendê-la. Movemo-nos em outro espaço e em outro tempo.

Deste choque de forças - desta “colisão com o futuro”, como diria Alvin Tofler - nasceu uma nova consciência. Quem sabe quantos milhares de anos a raça

humana necessitou para que se produza este nascimento, e quem sabe quantos seres luminosos nos ajudaram nesta epopeia! Mas, há um fato, captado por uns com maior lucidez que por outros - mas sentido por todos - e é que algo novo ocorreu dentro de nós mesmos, a consciência humana entrou em expansão. Porém, por que falamos, então, de um drama existencial? Porque o despertar da consciência não se dá hoje em forma ideal ou romântica - como quem amanhece de repente em uma nova terra ou em um novo céu - senão que é uma flor que se abre entre as próprias ruínas, é um amanhecer em meio à obscuridade, é um germe de futuro que cresce entre as lembranças de ontem, é a luz convivendo com as trevas, é a delicada silhueta do homem cósmico que nasce, convivendo com a velha forma do homem terrestre que morre. Este é, em maior ou menor medida, o drama de todos nós.

Milhões de seres humanos experimentam hoje, em todos os lugares do mundo, uma crise existencial que se manifesta através da perda de significado e através de um vazio interior difícil de preencher com as coisas do mundo. E isto, independentemente das condições sociais, econômicas ou culturais. É uma crise universal que afeta a raiz da existência humana e que temos que poder compreender em sua patogênese e em seu significado.

PATOGÊNESE DA CRISE EXISTENCIAL

Descrição do fenômeno

1. O homem velho é tocado de morte

Em maior ou menor grau todos vivemos por dentro o fracasso do homem velho e o desmoronamento das velhas estruturas mentais e emocionais que, até ontem apenas, sustentavam nossa existência.

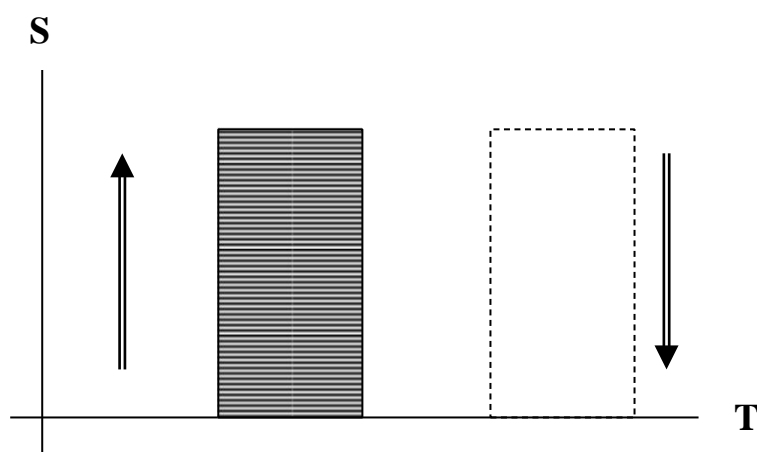
Isto é o que chamamos fracasso existencial. É a crise de um sistema de valores e a perda do equilíbrio existencial. É o abismo da existência humana e a

solidão da alma. O seguinte sonho pinta dramaticamente esta crise: “Sonhei que meu pai morria. E via como minha casa se desmoronava, todo vinha abaixo e minha família se dispersava, cada um ia para seu lado e eu ficava só”. Isto é, o edifício que o homem havia construído e que habitava em segurança, vem abaixo. É a morte, o fim de um modo de existência.

A partir deste momento, as coisas nunca mais voltarão a ser o que foram. Os valores que até ontem sustentavam a vida e lhe davam cor e sentido já não a sustentam mais. Algo se rompeu dentro de si mesmo, produziu-se uma fratura no mundo interior. E a vida, que parece transcorrer como sempre é vista por fora, sofreu, por dentro, uma mudança irreversível. McLuhan, citando a novela de Forster (ainda que em outro contexto), diz: “A vida seguiu como de costume, ...mas todas as coisas pareciam haver sido cortadas de raiz e, portanto, infectadas de ilusão”.

Esta crise existencial é vivida pelo sujeito como um esvaziamento da imagem do mundo (de *seu* mundo) e, pela primeira vez, o ser humano entra em contato com o mistério da solidão da alma (uma solidão que antes desconhecia).

Se tivéssemos que transformar em gráfico o fenômeno, utilizando as coordenadas de tempo e significado, diríamos que, em **A**, o homem levanta um edifício, constrói um mundo (a flecha de significado vai para cima). E, em **B**, esse edifício vem abaixo. O homem - enquanto “ser-no-mundo” - vem abaixo junto com seu mundo (queda dos significados)



A

B

Mundo **A**: mundo cheio, com significado em ascenso.

Mundo **B**: mundo vazio, com significado em descenso.

2. A “neurose das massas” do mundo moderno

O mérito de Viktor Frankl é haver detectado esta crise existencial em sua dimensão de massa, ao qualificá-la como “neurose das massas” do mundo moderno e de haver indicado suas características mais evidentes de “vazio existencial” e de “perda de significado”. Porém, trata-se realmente de uma “neurose”, de um “desequilíbrio”, de uma “patologia da civilização”, ou é algo mais que tudo isso? As explicações que costumam ser dadas - já seja por via da análise existencial ou pelas vias da mudança social ou da revolução tecnológica - são insuficientes para a compreensão deste novo fenômeno humano, a nível planetário. É a Humanidade inteira a que parece lançada a um novo centro de gravitação existencial. E para compreender este drama, humano e cósmico ao mesmo tempo, já não basta o auxílio que nos possam proporcionar a paleontologia, a antropologia social, a parapsicologia existencial ou a filosofia da história. Necessitamos de novos pontos de referência para penetrar em sua dinâmica intrínseca.

Dinâmica do processo

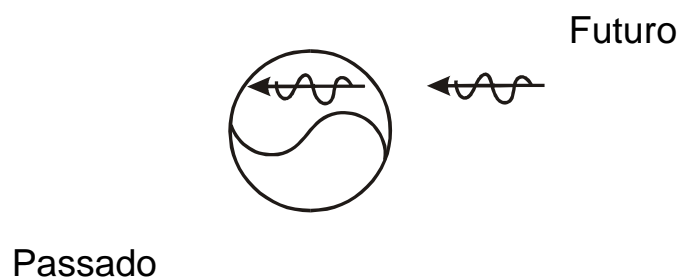
Quais são as forças que entram em jogo na crise existencial da humanidade de nosso tempo? E como operam essas forças? Em outras palavras, como pode ser caracterizada, cientificamente, a patogênese do processo?

1. A crise existencial é uma “colisão no tempo”

Em épocas de tempo lento, o sistema humano é estável. Em épocas de tempo rápido, o sistema é instável. E nossa época é uma época de tempo rápido, de

aceleração do tempo. O ritmo do tempo se acelerou: não só o ritmo das coisas, mas sobretudo, o ritmo da *vida*.

Um tempo de ritmo rápido (que chamamos de “tempo de futuro”) invadiu o sistema humano de ritmo lento que conhecíamos até então. E essa “colisão no tempo” gera um desequilíbrio existencial.

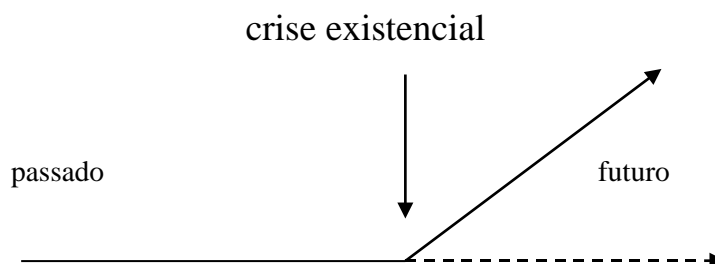


O “choque do futuro” (Alvin Toffler) não é uma colisão no espaço, mas uma colisão no tempo. Não se trata de uma invasão dos marcianos (uma invasão vinda de fora), senão que somos “invadidos” por dentro (por um tempo novo, que antes não conhecíamos).

2. Uma crise nuclear que afeta o destino

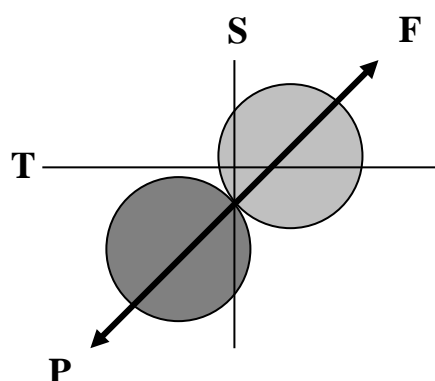
Quando falamos de crise existencial, no verdadeiro sentido de crise, nos referimos a uma “crise nuclear”. Isto é, o homem pode ter muitas crises em sua vida que modificam o curso dos acontecimentos previamente traçados, sem que cheguem a afetar seu destino. São choques superficiais que afetam só a capa periférica de elétrons do átomo humano, mas que não põem em perigo sua existência. Em troca, a crise existencial é uma comoção profunda que toca o “núcleo” do sistema e produz uma fratura existencial. A partir do momento do choque, a linha do tempo interior sofre uma inflexão, um desvio, uma mudança de rumo que modificam o *destino* da existência humana. Rompe-se a “lógica do vivo”

(como diria Francois Jacob) e a trajetória programada pelo código genético, o código psicológico. E o código social muda de direção.



3. Deslocamento do centro de gravidade da existência humana

Quando a corrente do futuro impacta o núcleo do sistema, produz-se um deslocamento do centro de gravitação da existência humana e uma perda do equilíbrio existencial. O mundo velho, vazio de significado, é deslocado para trás (passado) e para baixo (queda do significado) - enquanto se abre um novo espaço para frente e para cima (esta última fase foi vista claramente por Teilhard de Chardin).



4. Incidência da morte

Nossa relação com a morte mudou, nós a vivemos de outra forma. Existe um novo tipo de morte que experimentamos, mas que ainda não compreendemos, é

uma *morte em vida*, uma colisão no tempo. Milhões de seres humanos transitam hoje em direção ao futuro, sem que cheguem a dar-se conta do que está acontecendo dentro deles mesmos. Algo mudou em suas vidas, mas não sabem bem o que é. Um velho mundo desmoronou e de repente foram lançados ao “vazio”. Encontram-se como aturdidos, confundidos, desorientados. Gostariam de avançar, mas à frente há um vazio que temem. E, para trás, fica um mundo opaco que já não é, de todo, seu mundo. O que aconteceu? Seu velho mundo morreu, algo terminou, entraram no vazio, na solidão, na *morte*. Morreram (com o mundo), mas não têm consciência da morte.

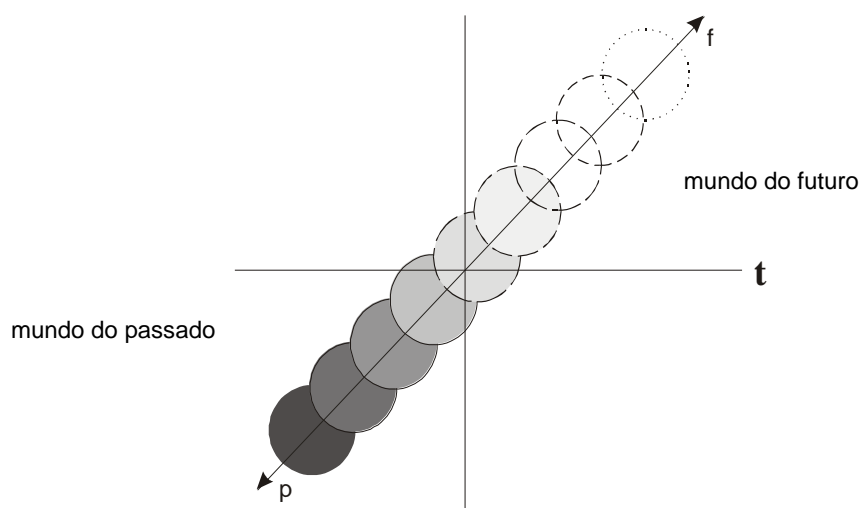
Apesar do prolongamento do tempo de vida física, muita gente “morre” hoje antes de tempo. No velho tempo, no tempo de nossos pais e de nossos avós, as pessoas morriam - por assim dizer - a seu devido tempo. Mas, agora as pessoas morrem *antes*! O significado das coisas termina “antes” e morremos “antes”, junto com as coisas.

Esta colisão no tempo se produz hoje a nível planetário. É o tempo de uma velha Humanidade o que terminou, e isso implica uma perturbação na ecologia da morte.

O que é ecologia da morte? É a relação que existe entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos. Esta relação mudou.

5. Em direção à conquista do vazio

Em uma Humanidade que se desloca velozmente em direção ao futuro, os velhos mundos vão sendo impulsionados - como dizíamos - para “trás” e para “baixo”. Enquanto que, simultaneamente, vão se abrindo espaços vazios para frente e para cima.



Por analogia com o efeito Doppler, diríamos que, no cosmos humano em expansão, assistimos a um deslocamento em direção ao vazio das franjas do espaço existencial. Este fenômeno de sucessivos esvaziamentos existenciais implica em uma ascética de “desapego” a velhas formas - que vão sendo rapidamente deslocadas em direção ao passado. Mas não um desapego à forma antiga, e sim um desapego imposto pela mudança (ao modo moderno!)

II

SIGNIFICADO DA CRISE EXISTENCIAL

Qual é a natureza e o significado da crise existencial? É uma doença, um fenômeno psicológico, um fenômeno histórico e social, um fenômeno tecnológico? Ou é tudo isso e algo mais?

1. Não é uma doença, mas uma mensagem

A crise existencial não só marca o fim de um modo de existência, mas abre a porta a uma nova dimensão de vida. Mas, nem todos querem cruzar essa porta. Milhões de seres humanos tocados de morte e “chamados” para o futuro não querem assumir o fim de seu mundo velho e pretendem a todo custo voltar a viver o que está morto. Hoje em dia, a Psicologia moderna se interessa mais por descobrir as causas da crise existencial e por restaurar a ordem perdida do que por mostrar a mensagem de futuro que emerge por trás da crise. Leva-se o “paciente” a adaptar-se a um mundo que já morreu para ele, em lugar de ajudá-lo a enxergar no oco deixado por esse mundo e a vislumbrar nesse “não-ser” um novo significado existencial. Em outras palavras, propõe-se uma terapia ou uma pedagogia de adaptação, em lugar de um caminho de liberação. É preciso aprender a *ver* nos “ocos” das coisas que morrem e *escutar* nos “silêncios” das vozes que se apagam.

2. A mensagem espiritual de liberação

O homem velho é tocado de morte, mas o homem novo que nasce quer ser livre. A crise existencial, ao romper a identificação do ser com o mundo, oferece ao homem atual uma nova alternativa de liberação. E dizemos nova porque o chamado a ser livre se dá hoje em um marco de premissas que é diferente daquele que existia no passado.

Antes de mais nada, a liberação é hoje *imposta* pelos fatos. Já não se trata somente de escolher o ideal de ser livre, senão que a própria corrente do tempo novo

impõe a liberdade como alternativa existencial de vida ou morte. E não só a nível individual, mas também planetário, como alternativa de sobrevivência da Humanidade no futuro.

Milhões de seres humanos que “não escolheram ser livres” estão sendo desalojados de seu velho mundo através da colisão com o futuro. As forças renovadoras da vida os expulsam - mesmo que não queiram - de seus antigos redutos de escravidão biológica, psicológica e social, e os projetam em direção à liberdade. A velocidade da mudança é tão grande que não existe tempo para escolher, o ser “é escolhido” para a liberdade. Querer voltar atrás é impossível, uma vez desmoronado o velho mundo, é impossível voltar a ocupar o antigo espaço. Ou se assume a liberdade ou se vaga na aridez dos incompreendidos.

Falamos de liberdade, mas de que liberdade se trata?

A crise existencial do homem moderno já não se resolve dentro do marco de uma liberdade psicológica ou de uma liberdade social, mas dentro da perspectiva de uma liberdade espiritual. Já não se trata de reconstruir o mundo perdido, mas de transcender o mundo.

Mas, esta transcendência não é fácil, não se realiza de um só salto, há um “medo da liberdade” (como diria Erich Fromm). E a consciência, que ficou sem os objetos do mundo, busca desesperadamente novos objetos para dar-lhes nome, para que não fique sozinha, sem o companheiro (consciência de adão). A solidão existencial (que não deve ser confundida com a solidão patológica) não é uma “doença de morte”, mas de vida. Não é um estado patológico que é preciso suprimir, mas um *signo* de liberação que é preciso reconhecer. Sempre há uma ajuda nestes níveis críticos da existência humana; é uma lei de amor.

2ª Parte

III

COMUNIDADE SOCIAL DO FUTURO

1. ESTRUTURA HUMANA BÁSICA

Tese:

A sociedade futura está se configurando sob um signo de convergência entre a mensagem espiritual e a mensagem social.

Os movimentos sociais contemporâneos romperam a estrutura da velha sociedade, baseada em uma concepção individualista da vida, para dar passagem a uma sociedade de massas constituída por grandes organizações coletivas.

Este processo de socialização fez avançar rapidamente a humanidade de nosso tempo que, em poucos anos, deu um salto, da consciência individual à consciência social.

Da pequena célula tribal, familiar ou empresarial da antiga sociedade, às grandes organizações da sociedade industrial, há uma grande distância. E esta mudança de módulo não só implica uma medida diferente - mas, ao mesmo tempo, uma mudança de dimensão da consciência. Não é a mesma coisa viver em um pequeno organismo familiar e municipal que em uma grande organização empresarial. Não é a mesma coisa viver com um cérebro associado ao telégrafo e à estrada de ferro, que viver com um cérebro acoplado a uma rede eletrônica de comunicações planetárias. Trata-se de experiências humanas completamente diferentes.

Os sociólogos e políticos modernos destacaram a importância do “meio social” para o desenvolvimento de formas mais elevadas de consciência individual. Assim como os biólogos do fim de século haviam descoberto a importância do

“meio biológico” (do meio interior, como dizia Claude Bernard) para o desenvolvimento de formas de vida mais estáveis, mais autônomas e melhor organizadas.

Teilhard de Chardin diz:

“A passagem do individual ao coletivo é o problema atual e crucial da energia humana... e é preciso reconhecer que os primeiros passos dados para sua solução não fazem mais que aumentar a consciência que temos de suas dificuldades... Em minha opinião - acrescenta - não é preciso procurar a razão dos fracassos sofridos, desde há um século, sofridos pela humanidade para organizar-se, em alguma impossibilidade de natureza inerente à operação tentada. Deve-se procurá-la no fato de que as tentativas de agrupamento são perseguidas, invertendo a ordem natural dos fatores da união entrevista. Explico... Totalizar sem despersonalizar. Todo mundo está de acordo neste duplo objetivo a ser alcançado. O vício das doutrinas sociais modernas é apresentar uma Humanidade impessoal às ambições do esforço humano. O que aconteceria no dia em que, em lugar desta divindade cega, conhecêssemos a presença de um centro consciente de convergência total?”¹

Como vocês veem, a preocupação de Teilhard é encontrar esse ponto de harmonia entre a consciência individual e a consciência social. E o ponto de convergência entre o esforço humano e a consciência divina.

Herbert Marcuse – a partir de outra perspectiva – apontou, com toda clareza, que o homem para desenvolver novos valores necessita indiscutivelmente de uma nova sociedade. Isto é, um “meio social” adequado para o desenvolvimento desses valores. Mas, por outro lado, reconhece que, para que exista uma nova sociedade,

¹ Teilhard de Chardin. “A Energia Humana”

é indispensável que previamente existam novos homens que contribuam com os “germes” novos para que essa sociedade se desenvolva. Diz Marcuse, em uma entrevista concedida a uma revista norte americana:

“A real emancipação do homem pode ter lugar somente em uma sociedade diferente, depois de uma mudança fundamental dos valores e das estruturas políticas e econômicas. No entanto – diz mais adiante – (e isto é talvez o paradoxal): “Pelo menos alguns seres humanos com novos valores e novas aspirações devem existir e realizar seu trabalho, antes que uma mudança massiva torne possível uma liberação geral”.²

Nisto coincide com Charles Reich que, em “O Reverdecer da América”, sustenta que a revolução que advém “não será como as revoluções do passado. Terá sua origem no indivíduo e na cultura, e mudará a estrutura política só como seu ato final”.

Em resumo, percebe-se na sociedade moderna uma dupla necessidade:

- A necessidade de um “modelo social” que seja meio adequado para que o homem possa desenvolver a totalidade de suas possibilidades como ser humano.
- E a necessidade de um “modelo individual” que traga o fermento indispensável para que a massa social realize o salto para um nível mais elevado de consciência.

Precisamente, na etapa atual que a Humanidade vive, está se dando uma nova relação estrutural entre um corpo social, que alcançou um alto grau de organização, e uma consciência individual que alcançou um alto nível de espiritualidade. Esta

² Marcuse H. Psychology Today, fev. 1971

nova relação entre a “força” social e a “consciência” espiritual constitui a estrutura humana básica da comunidade social do futuro.

Esta convergência entre a mensagem espiritual e a mensagem social introduz uma dinâmica completamente nova na nascente sociedade futura, e formula a necessidade de desenvolver novas formas educativas, econômicas, jurídicas e políticas que ultrapassem os esquemas já antiquados do individualismo ou do socialismo.

2. O CORPO SOCIAL PLANETÁRIO

Tese:

O acoplamento entre as correntes sociais e as correntes espirituais não se realiza de forma ideal, mas de forma corporal. Seu resultado não é uma nova ideia, mas um novo corpo.

A Humanidade está descobrindo seu próprio corpo planetário.

Apesar de que alguns digam que não existe essa Humanidade, mas só um conjunto de homens individuais (“A humanidade? Isso é uma abstração. Nunca houve mais que homens, nem haverá mais que homens”³), a nova geração já nasce com um sentido (fisiológico) de solidariedade orgânica. Começamos a sentir a pulsação, os batimentos, a vida de um organismo maior que não conhecíamos, estamos tomando consciência de nosso Corpo Humano (com maiúscula), do corpo da Humanidade planetária do futuro. Este é o ponto de partida para uma sociologia do futuro.

O fenômeno social moderno, observado em escala planetária, apresenta um duplo aspecto: se por um lado mostra fortes contradições que ameaçam com a desintegração social, por outro, procura restabelecer a união entre os homens e resgatar a potência de funcionamento do corpo total da Humanidade.

³ Goethe a Luden, cit. por Spengler

Por quais vias está sendo levada a cabo esta gigantesca operação-resgate da unidade do corpo da Humanidade? Através de um idealismo universalista? Através de um socialismo utópico ou científico? Através de um mercado comum? Através de uma via tecnológica de comunicação de massas? Ou, acaso, através de um caminho que desconhecemos?

À medida que as grandes comoções planetárias sacodem a Humanidade em conjunto (e são grandes comoções planetárias as guerras mundiais, as migrações em massa, a revolução científica e tecnológica; e também são comoções planetárias fatos que ainda não ocorreram, mas que ameaçam a humanidade, como a guerra atômica, a explosão demográfica e a desumanização do homem), à medida que tudo isto ocorre, a vida do corpo da Humanidade, suas linhas de força, suas correntes de ideias e seus novos órgãos sociais comovem nossa consciência e despertam em todos nós uma nova sensibilidade planetária e cósmica. Talvez sempre tenha sido assim, desde os alvores da história, quando os grandes cataclismos que ocorreram no planeta despertaram a consciência e a sensibilidade dos primeiros homens. No momento atual, estamos aprendendo, talvez sem dar-nos conta, a viver em um novo corpo. Alguns povos já realizaram a experiência de viver em corpos sociais coletivos. E está sendo realizada a experiência de viver no espaço, em corpos biocibernéticos. Mas, a conquista do homem futuro será aprender a viver no corpo da Humanidade total.

3. PROTÓTIPOS HUMANOS DO FUTURO

Tese:

Sobram modelos e falta homem.

Hoje em dia, quando se fala de “modelos de futuro”, geralmente se faz referência a modelos ideais, a modelos matemáticos ou a modelos tecnológicos (projetos nacionais, modelos mundiais, modelos espaciais) que, como propostas

teóricas podem ser muito interessantes, mas que, geralmente, fracassam por falta de modelo humano que lhes sirva de base. Hoje, sobram modelos e falta homem.

A mensagem do futuro não pode funcionar com base em modelos teóricos (ainda que sejam matematicamente perfeitos). Devem encarnar em modelos humanos. Sem este ponto de encarnação, os modelos são como cascas vazias que o vento leva.

Quais são os modelos humanos que podem servir de base para a comunidade social do futuro? o grupo familiar? a empresa moderna? o sindicato? o comitê político? a cooperativa? a comuna? o Estado? Todos estes modos de organização, em alguma medida, estão hoje em crise porque em seu crescimento chegaram a um limite crítico de ruptura entre a forma institucional e o significado espiritual. Perdeu-se a relação entre o modelo formal das agrupações humanas e seu modelo essencial prototípico. Muitas destas instituições deixaram de ser caminho para o homem. De meios sociais para realizar o significado transcendente da vida individual, converteram-se em fins materiais autônomos e o homem ficou preso nas redes da organização.

A gestação do modelo social para o futuro está se realizando dentro de um processo de ruptura de formas e de um restabelecimento de funções.

Quando as formas negam a função (em seu significado essencial), a função se desembaraça das formas: é a lei das transformações da vida.

Neste vertiginoso processo de ruptura de formas sociais, que comove as bases da Humanidade de nosso tempo, vai sendo liberado dentro do indivíduo o princípio original que dá vida e significado às formas. Isto se manifesta interiormente na nova geração como um anelo de começar tudo de novo. Isto é, que coincidindo com um torvelinho de destruição por fora, se realiza - no corpo da Humanidade - um mistério de gestação por dentro (germes de futuro no homem e gestação de novas formas). Em outras palavras, o fenômeno de futuro não só se desenvolve em uma dimensão

sociológica, política ou tecnológica, mas também em uma dimensão mística. E é precisamente a mística do homem futuro - e não somente a organização - a que poderá sustentar (desde dentro) as novas formas sociais que começam a delinear-se no horizonte do porvir.

Em resumo, o que queremos dizer é o seguinte:

- Que o processo de socialização alcançou um ponto crítico em seu desenvolvimento.
- Que as experiências coletivas de socialização em diferentes partes do mundo produziram uma certa “matéria social”, isto é, um “produto” humano com certo grau de consciência social e de organização social.
- Mas, para ir mais adiante, para entrar na sociedade futura, já não se trata de avançar na mesma direção em que seguimos até agora, utilizando somente os recursos da organização, da tecnologia ou da política, mas se requer também uma mística. E não uma mística social (como se costuma chamar as ideologias políticas de nosso tempo), mas de uma mística espiritual.
- Esta mística do homem futuro é uma força de reunião que faz possível que a “matéria social” se organize ao redor de um centro de transcendência espiritual. Os novos organismos sociais, em lugar de estarem centrados em interesses materiais estão centrados em valores espirituais. A mística dá um novo sentido à reunião entre os homens e transformam a “sociedade” humana em uma comunidade humana.

4. FUNÇÃO DE BASE DA COMUNIDADE HUMANA

Para que exista “comunidade” humana e não simplesmente “agrupamentos” humanos - o que não é o mesmo - deve-se dar como condição prévia (prévia na

ordem do ser) uma reunião entre seres humanos. Esta é a função básica, arquetípica da sociedade, sua ordem natural.

Quando se fala de “comunidade humana” se tende a reduzi-la a sua dimensão social (sociedade humana), mas a dimensão social é só um dos aspectos que configura a reunião entre os seres humanos. O outro aspecto é o significado espiritual da reunião. Para que haja reunião entre seres humanos e não entre entes, deve estabelecer-se uma delicada relação entre a forma social e o significado espiritual da reunião. Precisamente, a dinâmica entre a forma e o significado da reunião é o que chamamos “função humana de base”.

Por não valorizar adequadamente esta dupla dimensão espiritual e social, da comunidade humana, é que fracassam as formas de organização. Porque ou se constituem como modelos ideais (edifícios teoricamente perfeitos, mas que vêm abaixo por falta de enraizamento na matéria humana) ou como modelos materiais (tecnicamente perfeitos, mas sem significado para o homem).

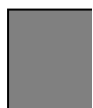
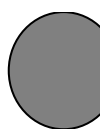
5. ARQUÉTIPOS SOCIAIS

Formas prototípicas de reunião. Órgãos do corpo planetário.

O corpo planetário se organiza por uma delicada rede de vínculos humanos que constituem seus tecidos invisíveis e seus órgãos visíveis. A trama invisível de relações essenciais é seu modelo arquetípico ou corpo místico. E a organização visível é seu modelo social, sua estrutura jurídica.

O primeiro modelo de reunião entre os seres humanos (primeiro na ordem do significado) - seu protomodelo cósmico - é a reunião espiritual, que constitui o modelo original fundante de toda forma humana de organização social. Esta primeira forma plasma um modelo de segundo nível, a família, e um modelo de terceiro nível, as organizações de base da sociedade civil.

As hierarquias funcionais do corpo planetário seriam então, as seguintes:



1) a comunidade Espiritual	Corpo místico - ordem sagrada - lei divina. O vínculo que une os seres humanos neste nível é puramente espiritual.
2) a família	Corpo psíquico - lei de família. Vínculo de sangue.
3) as comunidades de base da sociedade civil	Corpo social - lei social. Vínculo jurídico.

Este corpo da Humanidade futura, integrado em diferentes níveis, mas centrado sobre uma única função humana de base (reunião entre seres humanos), não só restabelece a unidade de significado entre a sociedade civil e a sociedade espiritual, mas também a unidade entre a Lei de Deus e as leis dos homens, superando assim as antinomias irreconciliáveis de um mundo fragmentado.

O não haver compreendido bem o funcionamento integrado destes modelos arquetípicos provocou a doença social moderna. Restabelecer a plena função dos modelos arquetípicos implica restabelecer as hierarquias cósmicas nos organismos humanos e fazer possível a vida do corpo social. Para que haja vida no corpo social tem que haver fluidez entre os diferentes corpos e intercâmbio de significados, porque do contrário se chega à anomia social que é o que está acontecendo no momento atual. O corpo da sociedade de nosso tempo carece de vida porque é mutilado constantemente e se quer conformá-lo (através de leis arbitrárias) a um

modelo que é estranho a sua natureza essencial e a sua ordem natural e sobrenatural: esta é a verdadeira subversão, que é uma subversão dos valores e das funções da vida.

O SIGNO DO HOMEM FUTURO, A EGOÊNCIA DO SER

1. MUDANÇA ESTRUTURAL NO HOMEM

Tese:

- *Um novo homem existe sobre a Terra.*
- *O signo que o caracteriza é a egoência do ser.*

Quando falamos de “homem novo” não nos referimos a uma mudança nas formas exteriores (diferenças ideológicas ou caracterológicas, diferentes modos de pensar ou de reagir), senão que queremos apontar para algo mais profundo, mais substancial, uma mudança na estrutura íntima do ser humano.

Nenhuma das teorias antropológicas que conhecemos faz referência a esta mudança de estrutura. Certamente, é uma mudança sutil, que se produz na intimidade do ser e que, portanto, passa inadvertido (não deixa restos fósseis – os ossos do homem novo continuam sendo iguais aos do homem velho), mas é a origem, o “germe” das possibilidades do homem futuro, um novo ponto de partida.

2. SALTO ANTROPOLÓGICO EM DIREÇÃO AO FUTURO

Não existe modo de captar a egoência partindo das referências que o homem antigo nos proporciona. Os parâmetros que utilizamos para definir o “*Homo faber*”, o “*Homo sapiens*” e o “*Homo socialis*” não são suficientes para caracterizar a egoência, porque o novo homem realiza um salto antropológico, através do qual se constitui uma nova relação entre a força social e a consciência espiritual.

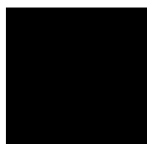
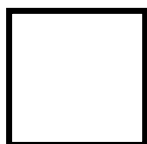
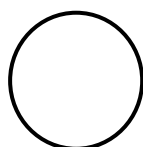
A “matéria prima” do homem antigo foi a Natureza. Sua obra humana foi dominar a Natureza por meio da técnica, e socializar seus impulsos animais. A “matéria prima” do homem futuro é uma “matéria social”, e sua obra consiste em elevar esta matéria social a um nível de consciência espiritual.

Enquanto que o velho homem estendeu uma ponte (racional) entre a natureza animal e a natureza humana (humanizou e socializou a força animal, mas no fundo - em sua estrutura e apesar dos avanços da ciência e a técnica - o homem continua sendo metade homem e metade animal porque também há animais muito inteligentes), o homem novo estabelece uma nova relação entre a matéria humana já socializada (energia humana) e a consciência cósmica. Esta nova relação estrutural é a que constitui a raiz da egoência. Através dela, o homem futuro já não será metade homem e metade animal, mas metade humano e metade divino.

3. DO EGOISMO INDIVIDUALISTA À EGOÊNCIA DO SER

O esforço da vontade para conquistar o mundo deu como resultado extremo a identificação do ser com as coisas e as funções do mundo. Em termos religiosos diríamos que o homem possuiu o mundo e perdeu sua alma. Em termos sociológicos diríamos que conquistou um papel, uma função, na sociedade de massa e perdeu o ser (*loss of self*). A identificação com o mundo produziu no homem moderno uma severa crise de identidade.

Se tivéssemos que representar este estado de consciência em relação aos signos arquetípicos já conhecidos, o faríamos assim:



Autonomia da forma pessoal

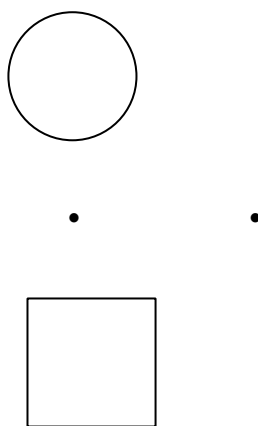
Automação do homem

■ É o símbolo da mundanidade (identificação do ser com o mundo). o ser se perde no mundo e só fica a autonomia da forma.

■ Neste estado de consciência o homem tem a ilusão de governar-se com uma lei própria (egonomia), mas, em realidade, é governado através da lei do mundo que tem dentro. Tomou posse do mundo, ou melhor, o mundo tomou posse dele.

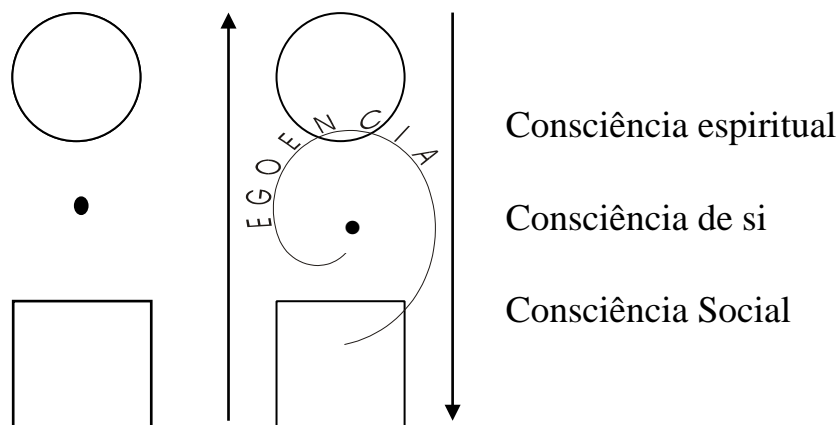
É o símbolo do antissistema humano, a sombra de si mesmo (perda da consciência de si), um poder pessoal auto suficiente, solidão cósmica e isolamento social.

Egoência é o resgate da consciência perdida no mundo e uma volta à consciência de si. Se tivéssemos que representar a egoência em seu estado potencial, nós o faríamos com um ponto, para simbolizar o desdobramento da consciência sobre si mesma. O homem futuro realiza o trânsito de uma consciência de identificação (com o mundo) para uma consciência de identidade (com o ser).



Este primeiro movimento devolve à consciência sua liberdade perdida e sua capacidade original de ver claro (clarividência do ser). Se a esta visão de infinito se responde com o amor (amor a ser livre), a consciência se faz expansiva (segundo movimento, de ascenso) e participante (terceiro movimento, de descenso). O ponto se desdobra em uma linha espiral, que simboliza um movimento oscilante entre o espírito e a matéria, que é o ritmo da vida do homem novo (“rotação de signos”) à qual fazíamos referência no começo deste curso.

Em termos de linguagem, a egoência não pode ser reduzida a um conceito nem pode ser traduzida na dimensão linear da palavra escrita. Ela tem que ser inscrita no ritmo oscilante da palavra viva. Este ritmo implica três movimentos da consciência: consciência de si, consciência espiritual e consciência social.



4. UM NOVO SENTIDO DE INDIVIDUALIDADE

Tese:

*O homem desenvolve suas possibilidades dentro de um corpo social, mas para alcançar uma etapa superior de individualidade (egoência do ser) necessita de um **novo corpo**, o corpo da comunidade espiritual (a reunião de almas similares).*

Já destacamos a importância que tem o corpo social para o desenvolvimento do indivíduo. Haver contribuído para a integração da pessoa individual dentro do marco da sociedade organizada é a grande contribuição dos movimentos modernos de socialização (um aspecto desconhecido ou descuidado através da filosofia antiga).

Mas, o trânsito da consciência social à consciência espiritual (que é o salto que o homem futuro está realizando) também requer a integração do indivíduo em um corpo. E esta ideia foi desconhecida (e é desconhecida) por todos os movimentos espirituais de tendência individualista.

Egoência é a individualidade que se descobre na comunidade espiritual e se realiza na comunidade social.

Quando a consciência individual se une ao corpo espiritual e participa no corpo social, os ideais se transformam em uma corrente de vida. E esta força de vida é a que a sociedade futura requer para seu desenvolvimento. Antes eram suficientes os ideais para sustentar a vida, agora faz falta a vida para sustentar os ideais.

A união de todas as almas espirituais do mundo é a que pode gerar a força espiritual suficiente como para impedir a destruição planetária e a desumanização do homem.

Os seres espirituais são o sustento da vida do mundo.

Sempre foi assim. Os filhos de Deus sempre foram o sustento dos filhos dos homens. Talvez eles mesmos não o saibam, mas protegem muitos outros seres desconhecidos e são uma luz no caminho.

A traição destas almas é fatal para todos aqueles que se apoiam nelas. A traição daqueles que, em algum momento se constituíram em sustento espiritual para outros, já sejam sacerdotes, mestres, condutores, pais ou mães de família, provoca a seu redor uma catástrofe existencial.

A Humanidade está chegando a um limite crítico de fadiga existencial. Já não bastam os estímulos habituais (nem sofisticados) para dar sentido ao esforço humano. Já não bastam as palavras nem as promessas. Não basta tampouco o estímulo da comunidade social (a união entre os irmãos). Faz falta uma união transcendente que dê significado absoluto à existência humana. Toda alma humana tem necessidade de encontrar outra alma em quem se dê o ideal encarnado e em

quem possa refletir-se, sem deixar de ser (reunião de almas similares). Isto é egoência, um signo espiritual impresso na matéria humana.

5. UM NOVO SENTIDO DE PARTICIPAÇÃO

Tese:

O novo homem é um “germe de futuro”, uma levedura na massa, e, portanto, sua contribuição para a sociedade futura está dada por:

Sua Presença.

Sua Participação.

Sua Reversibilidade.

Os novos valores:

- **Presença:** o homem novo vale pelo que é. Não pelo que tem ou pelo que aparenta, mas pelo que é.

Presença é o estado simples da alma.

Presença é consciência de si, movimento de união da consciência consigo mesma.

Presença é *mística*.

- **Participação:** a revelação dos valores íntimos (primeiro movimento, místico) se traduz em um sentido de participação (segundo movimento, ético).

O homem novo participa com sua *força interior* (a renúncia libera energia humana).

Participa com seu *pensamento* na construção das ciências humanas e sociais do futuro.

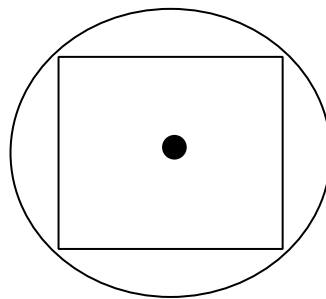
Participa com seu *trabalho*. Produz mais do que consome.

- **Reversibilidade:** é individualidade expansiva e participante. É técnica de transmutação. É fisiologia do futuro, coração do sistema. Não só transfere valores individuais ao corpo social, senão que recebe “matéria social” e a transforma em consciência espiritual (da fotossíntese à egossíntese).

6. A EGOÊNCIA COMO SIGNO DE INTEGRAÇÃO DO HOMEM

A egoência supera as antinomias do homem dividido e integra os opostos em uma síntese harmônica entre o humano e o divino, entre a consciência individual e a consciência social.

Se tivéssemos que traduzir em um signo (estático) este novo equilíbrio de valores poderíamos desenhá-lo assim:



Mas, a egoência resiste a toda esquematização. As fórmulas com que o pensamento tenta aprisioná-la se esfumam ante o mistério da liberdade interior do homem.